

A cidade e os sentidos: sentir a cidade

The city and the senses: to feel the city

Milena KANASHIRO*

Somar os pontos de vista dos cidadãos para projetar fantasias, dão como resultado que a constatação de que uma cidade também é o efeito de um desejo ou muitos desejos, que resistem a aceitar que a urbe não seja também o outro mundo onde todos quiséramos viver.

Armando Silva

RESUMO

Este artigo trata da questão de como o espaço urbano é sentido através da percepção sensorial dos seres humanos, procurando abordar, de maneira sucinta, as contribuições dos sentidos na apreensão das qualidades espaciais dos ambientes construídos.

Palavras-chaves: arquitetura, desenho urbano, percepção ambiental.

ABSTRACT

This article deals with the subject of the human sensorial perception related to the urban spaces. This is an attempt to contribute to the discussion of the senses and the perception of space qualities of built environments.

Key-words: architecture, urban design, environmental perception.

* Arquiteta e Urbanista, Mestre em Planejamento Ambiental pela Universidade de Osaka, Japão, e Doutoranda em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Atualmente, é docente do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Londrina – UEL.

Introdução

As ações de conhecer, sentir e fazer são respostas presentes na inter-relação existente do homem com o meio ambiente. Logo, ao caminhar pelas ruas, quais seriam as sensações que emergem? Quais seriam as imagens que ficam impregnadas? Quais as experiências pessoais tomadas em relação ao meio? E quais elementos nos trariam o sentido de permanência ou recordações? Cheiros, sons, surpresas ou símbolos são captados pelos sentidos humanos e provocam várias sensações na relação entre o homem e o meio vivido.

É cientificamente comprovado que os sentidos dos seres humanos – a visão, o olfato, a audição, o tato e o paladar –, enquanto receptores sensoriais de mensagens do ambiente e envio de *sinapses*, são igualmente transmissores de experiências emocionais.¹ Assim, segundo Tuan (1974), os órgãos sensoriais permitiriam aos seres humanos ter sentimentos intensos pelo espaço. Isto passa então a se constituir em um amplo campo de pesquisa para aqueles que buscam estudar a questão da qualidade ambiental. Deste modo, pode-se dizer que “espacializamos” o mundo por meio dos nossos sentidos e, por este viés, surge o seguinte questionamento: como permitir que as cidades sejam construídas e reconstruídas incorporando a riqueza de nossas vivências e experiências emocionais?

Este trabalho, em uma primeira incursão sobre essa temática, procura discorrer sobre as relações emocionais e de significação das cidades que podem ser constituídas por meio da percepção de nossos sentidos, como um possível caminho para a criação de *lugares*,² especialmente no que se refere ao resgate de elementos essenciais, estes até então perdidos no processo contemporâneo de construção de cidades, assim como na relação do homem e seu ambiente. Visando pontuar as contribuições de cada um dos sentidos humanos, objetiva despertar o interesse para a questão, a qual permeia qualquer discussão à respeito de percepção e qualidade ambiental.

Os sentidos e a percepção do meio ambiente

Segundo um dos primeiros teóricos da arquitetura ocidental, Marcus Vitruvius Pollio (Século I a.C.), as metas do ambiente construído poderiam ser expressas por meio de três componentes, a saber: *utilitas* (função, funcionalidade), *firmitas* (matéria, estabilidade) e *venustas* (beleza, prazer).³ Defendendo que as mesmas deveriam permanecer em equilíbrio harmônico, a última delas, a componente estética, estaria relacionada à percepção, às experiências humanas e também às preferências que as pessoas têm do seu próprio meio ambiente.

Essas relações de construção dos sentidos na mente humana, segundo Oliveira apud Del Rio (1990), dar-se-iam através de um processo cognitivo, o qual possuiria as fases distintas de *percepção* (campo sensorial), *seleção* (campo da memória) e *atribuição de significados* (campos de raciocínio). De modo geral, outros estudos de percepção ambiental diferem a percepção da cognição: a primeira referir-se-ia a situações em que a resposta depende das propriedades físicas e dos estímulos, enquanto a segunda relacionar-se-ia ao conhecimento e, assim, a vários meios de consciência, significado e simbolismo (MOORE apud SNYDER-CATANESE, 1979).

Na figura 1, pode-se observar o *modelo perceptivo*, o qual sugere como o meio ambiente percebido pode ser imaginado a partir de estímulos exteriores e, por outro lado, como os filtros podem evocar diferentes imagens de mundo “real”. É importante destacar que os filtros podem variar culturalmente, resultando na imagem do mundo percebido como um todo coerente. Paralelamente, a interação das pessoas para com o meio ambiente também dependeria de certos significados individuais construídos.

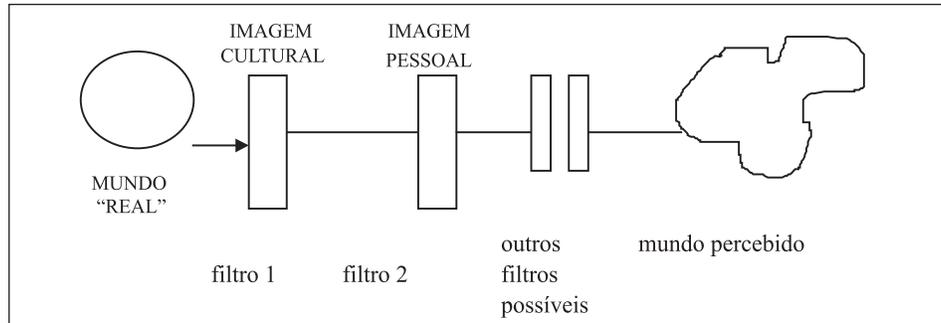
Basicamente, pode-se dizer que as imagens seriam tipos de estruturas ou de *esquemas imaginativos* que incorporariam certos tipos de “ideais” e um determinado conhecimento de como o mundo “real” funciona. Uma imagem, segundo Serpa (2002), vai estabelecer-se em “uma cooperação entre o real e o irreal, pela participação da fun-

1 Denomina-se *sinapse* – do grego *synapsis*; união – a comunicação ocorrida entre protoplasmas de duas células nervosas vizinhas, através de finos canículos da membrana, a qual asseguraria a comunicação de informações entre os neurônios. Qualquer estímulo geraria esse sinal bioelétrico ou sinapse e, associado a este processo de natureza essencialmente bioeletroquímica, emergiria o sentido, ou seja, o significado. O límbico emocionado descarregaria emoções, provocando assim a chamada *vivência subjetiva* (HEEMANN, 2001).

2 Pode-se entender *lugar* como um modo particular de relacionar as diversas experiências de um espaço, estas definidas como espaço vivido; de lugares existenciais e perceptivos (TUAN, 1983; OLIVEIRA, 2002).

3 Em linguagem mais corrente, segundo Moore apud Snyder-Catanese (1979), esses valores vitruvianos poderiam ser traduzidos em função, técnica e estética; aspectos fundamentais do espaço arquitetônico.

FIGURA 1 - ESQUEMA DE PERCEPÇÃO



Fonte: Rapoport (1978, p. 53; Adaptado).

ção do real na função do irreal” (p. 29). De acordo com Tuan (1974), um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os sentidos. Neste aspecto, a apreensão do espaço seria multisensorial, conclusão que permite fazer uma relação entre o cotidiano urbano e a percepção através dos sentidos humanos, em especial a visão, o olfato, a audição e o tato, já que a influência do paladar é praticamente nula, salvo quando associada ao olfato.

Iniciando com a visão, sendo considerada o sentido dominante nos seres humanos, esta proporcionaria muito mais informação que os demais sentidos. Vários pesquisadores apontam para o fato de que, através do ambiente visual, são construídas as relações de espaço, distância, textura, luz, cor, forma, contraste e todas as demais formas de apreensão do espaço arquitetônico (RAPOPORT, 1978; TUAN, 1983; KOHLSORF, 1996). Aliados à percepção e à cognição do espaço através da visão dos ambientes urbanos, alguns estudos de *design* ambiental enfatizam que o sentido visual teria o “poder de invocar as nossas reminiscências e experiências, com todo seu colorário de emoções” (CULLEN, 1983, p. 10).

Segundo o conceito de *visão serial* de Cullen (1983), nos percursos urbanos, haveria dois pontos de vistas importantes: a imagem existente e a imagem emergente. Desenvolvendo uma metodologia de estudo da constituição da imagem da cidade, ele destaca a importância do sentido visual na apreensão do espaço urbano. Sabe-se ainda que os deslocamentos adquirem sentidos de direção a partir da experiência espacial em três dimensões. Trata-se assim da apreensão das cidades na escala do cotidiano através da chamada *cinestesia*. Este conceito, segundo Gibson apud Rapoport (1978), incorpora-se na percepção do meio ambiente através dos deslocamentos, os quais sintetizariam

as sensações de movimento e de mudança de posição, estes relacionados com as variações bruscas de forma, velocidade, sentido, direção, movimento ativo ou passivo, etc.

Desse contexto, tem-se a natureza cinética da apreensão dos lugares, através das denominadas *relações topológicas e topoceptivas* no “sentir os espaços”. Ambos os termos são neologismos de Kohlsdorf (1996), segundo os quais o primeiro teria o sentido de localização do corpo no espaço – *topos*; lugar + *logos*; tratado –, tais como as sensações de envolvimento, amplidão e estreitamento, que afetam diretamente a sensação espacial; e o segundo seria vinculado às relações de estruturação do espaço dos campos visuais, incluindo direcionamento, impedimento ou mirante, igualmente importantes para a percepção de um ambiente tridimensional, seja qual for a sua natureza.

Quanto ao olfato, embora menos considerado no campo do pensar a cidade, também definiria o cheiro como um elemento de ordenação espacial e de relação com o lugar, permitindo identificar e complementar as informações visuais. Para Tuan (1983), ver não envolveria profundamente as emoções, tanto quanto sentir os odores. Por exemplo, pode-se ver que uma favela é indesejável, porém o quanto ela o é provocaria bem mais força quando se sentisse o cheiro de suas valas de esgoto e lixo.

Vários filósofos e cientistas dos séculos XVIII e XIX definiram que a visão era o sentido preeminente da razão e da civilização, enquanto o olfato era o sentido da loucura e da selvageria. Contudo, se a visão permite compreender a superfície, o olfato revela a verdade íntima, ou seja, o interior. Os cheiros, por não serem facilmente contidos, escapam; transgridem fronteiras (CLASSEN apud YAMAKI, 2001). Segundo Rapoport (1978, p. 170), o olfato seria “um senti-

do imediato, emotivo e primitivo, podendo ser mais ambíguo que exato”. Nas cidades, a percepção através do olfato recebe um significado socioespacial, se considera, por exemplo, o cheiro do mar, do porto, das fábricas ou das padarias. Segundo Claval (1999, p. 84), “a lembrança mais tenaz que guardamos dos lugares está associada aos odores dos quais eles são portadores”.

Nos estudos de paisagem olfativa de Yamaki (2001), cita-se a entrevista de Kerleo, um dos três maiores perfumistas da atualidade, o qual diz reconhecer as cidades pelo cheiro:

Marrakesh é um oásis olfativo no meio do deserto, nos arredores existem centenas de árvores de cedro, e ao se caminhar nas ruas é comum ver artesãos trabalhando a madeira. Em Paris o aroma é mais natural, e vem das árvores que existe em número maior do que Nova York. Londres cheira úmido e pesado. Manhattan possui cheiro totalmente peculiar, mistura de asfalto e do vapor que vem do subsolo. Hong Kong seria a pior cidade do mundo sob o ponto de vista olfativo. No avião já sentia o cheiro de água parada no porto. A cidade possui um odor de falta de higiene, de urina (YAMAKI, 2001, p. 206).

Comparativamente com a visão e o olfato, a audição não teria uma precisão espacial. Para Claval (1999), através dos ouvidos, têm-se a informação de onde provêm os ruídos, mas se traduz imperfeitamente os termos quanto à distância. Segundo Rapoport (1978), a audição seria um sentido transitório, muito mais fluido e passivo que a visão, relacionando-se com o som, que é a fonte da informação verbal e da comunicação humana. Em outras palavras, “o espaço acústico não se situa, no sentido de ser esférico e sem limites” (p.180). A relação entre a cidade e a paisagem sonora pode ser encontrada nos estudos do compositor francês Pierre Schaeffer⁴, o qual iniciou o projeto *World Soundscape*.

De acordo com Constantino (2001), Schaeffer assinava que, com um ouvido pensante, caso fosse melhor medi-

do, estudado e compreendido, em benefício à consciência sonora, se levaria a responsabilidade ao planejamento de ambientes mais saudáveis. E, finalmente, no que se refere ao tato, segundo Tuan (1983), a exploração e a resposta ao meio ambiente pode ser tátil assim como o deleite de se sentir o ar, a água e a terra. Trata-se do sentido humano que permite perceber a *textura*, cuja experiência se faz através das mãos e dos pés. Além da percepção visual, a distinção entre o duro e o macio, o suave e o rugoso e, os diversos materiais, tais como o concreto, a pedra e o ladrilho, entre outros, compõem as diversas texturas do meio como o sistema tátil (RAPOPORT, 1978).

No contexto da concepção e constituição dos espaços construídos, talvez devido ao viés pragmático, observa-se que as questões visuais e estéticas têm a hegemonia entre os sentidos, assim como o fato que a diversidade de texturas tem sido gradativamente perdida pelo uso intenso do asfalto ou de superfícies regulares, as quais eliminam parte da rica experiência do tato. Deste modo, muitos dos sentidos humanos estão limitados, o que, conseqüentemente, acaba por distorcer percepções e emoções diante do meio ambiente, especialmente nas cidades, nas quais recintos artificiais mascaram sensações e entorpecem a rica experiência sensorial do homem diante do meio em que se insere.

Considerações Finais

Historicamente, as práticas urbanas têm sido dominadas pela idéia de eficiência, enfatizando as questões funcionais em sobreposição aos demais valores que constituem o ambiente tridimensional. A “cartilha” do urbanismo funcionalista – a conhecida *Carta de Atenas* (1933) –, preconizava como solução dos problemas das cidades modernas a ação planejada que priorizava a organização e a setorização de funções urbanas básicas: o morar, o trabalhar, o recrear-se e o circular. Neste sentido, deixava de conceber o contraponto com o homem biológico/cultural. O *homem-tipo* teria as mesmas funções físico-biológicas – e, portanto,

4 Pierre Schaeffer (1910-1995) foi um compositor e pesquisador francês que, politécnico, entrou para a Radiodifusão Francesa, onde, em 1944, fundou um estúdio experimental. Em 1951, criou o Grupo de Pesquisas de Música Concreta, que foi transformado em 1958 no Grupo de Pesquisas Musicais – GRM. Os resultados desse trabalho foram expostos no Tratado dos objetivos musicais, de 1966. Em seguida, Schaeffer dedicou-se principalmente ao Serviço de Pesquisa da RTF – futuro Instituto Nacional de Audiovisual –, o qual fundou em 1960. Autor de música concreta (*Études de bruits*, 1948), fez obras em colaboração com Pierre Henri (*Bidule em ut*, 1949), assim como estudos baseados nas qualidades intrínsecas dos sentidos (*Étude aux objets*, 1959), além de peças à base de sons eletrônicos (*Le trièdre fertile*, 1975). Também escreveu várias obras de pesquisa, tais como *Machines à communiquer* (1970/72) e *Faber et Sapiens* (1986).

as mesmas necessidades – em todo o mundo e, partindo dessa concepção, o Estilo Internacional difundiu-se por toda parte, disseminando como paradigmas a *habitação-tipo* e as cidades que teriam validade universal. A cidade passou a ser entendida como um emaranhado de problemas de ordem técnica e funcional, esquecendo-se dos valores pessoais, históricos e culturais, além da dimensão sensorial e psicológica das comunidades, as quais passaram a ser tratadas inclusive com a designação de “usuários” ou de “moradores”.

Atualmente, como contraposição à hegemonia do reducionismo presente no planejamento urbano da primeira metade do século XX, têm-se incorporado as questões holísticas. Em outras palavras, busca-se identificar os habitantes das cidades como “seres vivos”, que percebem, sentem e agem. Tal pensamento começou a crescer no seio da cultura arquitetônica e urbanística a partir de meados das décadas de 1960 e 1970, encontrando hoje correntes consolidadas, as quais destacam o papel do *design* ambiental para a melhoria da qualidade de vida nas cidades. Em um momento de reflexões sobre a maneira de organização das cidades, o desafio contemporâneo encontra-se na criação de lugares, ou seja, de espaços impregnados de vivências, portadores de símbolos, sensações e significados.

Como já salientado anteriormente, *lugar* deve ser entendido como um modo particular de relacionar as diversas experiências do espaço, definidas como *espaço vivido*, no qual passam a contar os lugares existenciais e perceptivos. Assim, um espaço – entidade geométrica, abstrata e anônima – tornar-se-ia lugar através da experiência

contínua e cotidiana, tanto em nível de indivíduo como em grupo (RELPH apud OLIVEIRA, 2002). O senso de lugar e as relações de percepção do homem com o seu meio através dos sentidos delineiam a riqueza de sensações nas cidades. Porém, estas não se fazem de maneira universal, podendo os sentidos serem variáveis entre grupos, cultura, épocas e o meio circundante.

Por muito tempo, tem-se dado mais ênfase aos aspectos visíveis no ordenamento dos espaços, porém os invisíveis, capturados pelos sentidos, muitas vezes, de maior intensidade emocional, também devem ser considerados. Desta forma, tornam-se questões emergentes no planejamento das cidades aquelas ligadas à concepção de que o ser humano deva ser visto como unidade corpo/mente – um ser racional/emocional (HEEMANN, 1998) – o que conduz a novas reflexões quanto às possibilidades de construir cidades e organizar seus espaços. Para Tuan (1983), não poderemos resolver os problemas ambientais sem a auto-compreensão de que estes são fundamentalmente problemas humanos e, dependem da motivação, dos valores e atitudes do homem perante o meio.

Segundo Silva (2001), ver, cheirar, ouvir, passear, deter-se, recordar, representar são atributos que devem ser considerados em cada cidade. Porém, não qualquer cidade, mas aquela vivenciável, isto é, uma coleção de fragmentos de lugares de cidades vivenciadas, percebidas por todos os sentidos humanos. Eis aí a melhor forma de conseguir criar um ambiente de qualidade nos centros urbanos da contemporaneidade em toda e qualquer parte do mundo, inclusive o Brasil.

REFERÊNCIAS

- CLAVAL, P. A geografia cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Z.; CORREA, R. L. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.
- CONSTANTINO, R. M. Uma ecologia para o som. In: FUSCALDO, W.; MARANDOLA, E. (Org.) *Quem tem medo do interior? Urbano-rural: que espaço é esse?* Londrina: UEL, 2001.
- CULLEN, G. *Paisagem Urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- DEL RIO, V. *Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento*. Rio de Janeiro: Pini, 1990.
- HEEMANN, A. *Natureza e ética*. Curitiba: Ed. UFPR, 1998.
- _____. *O corpo que pensa: ensaio sobre o nascimento e a legitimação dos valores*. Joinville: Ed. UNIVILLE, 2001.
- KOHLDORSF, M. E. *A apreensão da forma urbana*. Brasília: Ed. da UnB, 1996.
- MOORE, G. T. Studies in environmental behaviour. In:

KANASHIRO, M. *A cidade e os sentidos...*

SNYDER, J.; CATANESE, A. *Introduction to Architecture*. New York: McGraw-Hill, 1979.

OLIVEIRA, L. Percepção do meio e geografia. *Ciência e Tecnologia*, Rio Claro, v. 1, n. 2, p. 14-28, 2002.

RAPOPORT, A. *Aspectos humanos de la forma urbana: hacia una confrontación de las ciencias sociales con el diseño de la forma urbana*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1978.

SERPA, A. Percepção e fenomenologia: em busca de um método humanístico para estudos e intervenções do/no lugar. *Ciência e Tecnologia*, Rio Claro, v. 1, n. 2, p. 29-61, 2002.

SILVA, A. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

TUAN, Y. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1974.

_____. *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, 1983.

YAMAKI, H. Cheiros da cidade: paisagem olfativa. In: FUSCALDO, W.; MARANDOLA, E. (Org.) *Quem tem medo do interior?* Urbano-rural: que espaço é esse? Londrina: Ed. da UEL, 2001.